

Kara Wã

Vladimir Queiroz

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

Prelúdio

São umas vozes antigas que chegam serpenteando como a remexer passados que se encostam ante as portas e deixam entrar relatos de umas alpercatas de couro trançadas e costuradas com o cheiro de mato.

São umas vozes antigas que do sertão exalam macambiras, caroás, icós e remexidos remendos de andanças sob a lide e o sol, a poeira, o tropel, a algibeira, o aboio ao encontro de rês e potes, deixando rastros ao léu.

São umas vozes antigas a entrelaçar destinos, marcar a sede e fome de andar pelos caminhos a gestar auspícios e sombras.

São umas vozes antigas que entoam cânticos e deixam sobre os talos os recolhidos espinhos: *kara wã*.

CÂNTICOS

Esses cânticos que soam
reverberam bicos, batráquios, bocas,
alguns cântaros que pelos
pântanos andam
a encher de lágrimas o barro.
Carregar pelos lombos lamentos,
uns mancos outros rebentos
que esperam e seguem lentos
pela noite,
sobre os orvalhos ao relento
para quando raiar os cabrestos
repousar sobre os jumentos.
Uns santos,
outros bentos.

KARA WÃ

Os espinhos espetam
o lombo.
Vagos caminhos
que vagueiam pela caatinga
a coroar os que mastigam
o talo
e gemem a dor seca
e secam a boca nas bromélias
rosadas,
a resgatar um tributo
santo,
a aspergir espasmos,
a ouvir estridores de espanto
a desviar de coices,
como uma palanca de garras.
Repassar o terço sobre a sanca,
uns delírios a apertar
os barbantes do caroá
pelos cantos.

JUÁ

À sombra do juá jazia o boi do pasto
imóvel, absorto.
O boi do mato que o vaqueiro incauto
ao seu encalço foi.
À sombra do juá com a boca fechada,
engolido o mugido
bravo
sem ruminar.
Só os cascos na terra
em poeira,
a sublimar.
À sombra do juá ficou o boi perdido,
exalado no fogo das feras,
na contagem dos umbigos curados.
À sombra do juá ficou o boi
quando o vaqueiro passou
e levou o trote
consigo.

MANDACARU

Os mandacarus desfilam sua verve equilátera
pelos galhos, pelo chão, pelo pó.
Somem enfileirados à revelia.

Nus e sangrentos se põem
em revista dos bandos avoantes
até onde não mais alcança a vista.

Revéis à fome
nutrem e molham a garganta
dos peregrinos ressequidos que se retiram.

Os mandacarus espalham-se pelo desfiladeiro
e vem o sol e vai o sol
exalando a fumaça da lenha cozida
no leito dos anos,
 nos cactos, nos breus, nos seixos
 do rio,
perene estio.

Brota a flor branca
perfumando o sertão,
perpetuando a andança
e as marcas na pele da espera,
divina.

E o sertanejo anda esguio
pelo deserto
estalando nos pés os talos da seca
dos ramos caídos.
Vê os sinais da caatinga
na tênue brisa
que faz tremer a nevoa quente:
sobe pelo solado rachado, espelho do chão
 escalda o corpo,
 vaporiza a alma.

Colhe a flor, em meio aos espinhos,
o sangue escorre do esforço bravio,
fareja a chuva
 no cheiro.
Enxovalha os olhos
 e abre um sorriso
 desmedido.

FIBRA

O sisal repuxou a mão
desnudou o agave,
feixe sobreposto na justa medida
do entrelace,
a moldar a fibra sertaneja.
Pelas mãos cascudas dos vaqueiros,
esvoaça no ar,
aloja-se nos cornos,
escorna o ruminante
domina-lhe a força,
COM FIBRA.

ÁRVORE

Árvore efêmera do ideal errante,
sem o jugo das raízes não se fixa;
teórica, improdutiva, prolixa,
andarilha sem rumo, eterna andante.

Se um dia nasceu semente,
foi porque sonhava crescer,
ramificar os rebentos, florescer.
Hoje, árvore, se mostra impotente?

O ser árvore não é fundamental,
se a terra, incapaz de alimentar,
a transforma em mísero arbusto.

Que de novo ao relento, a caminhar,
possa ressurgir em tronco robusto.
Efêmera árvore do errante ideal.





LIVROS ILUMINAM



Este livro foi composto em Electra LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em novembro de 2022.
